

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC

CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA BACHARELADO

MAICON LEMOS ALVES

A ESCOLHA DE SER ÁRBITRO DE FUTEBOL

CRICIÚMA, NOVEMBRO DE 2011

MAICON LEMOS ALVES

A ESCOLHA DE SER ÁRBITRO DE FUTEBOL

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de Bacharel no curso de Educação Física da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientadora: Prof.^a MSc. Elisa Fátima Stradiotto

CRICIÚMA, NOVEMBRO DE 2011

MAICON LEMOS ALVES

A ESCOLHA DE SER ÁRBITRO DE FUTEBOL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado para banca examinadora para obtenção do Grau de Bacharel, no Curso de Educação Física da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com linha de pesquisa em atividades esportivas e de academia.

Criciúma, 20 de novembro de 2011.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Elisa Fátima Stradiotto – Mestre – (UNESC) – Orientadora

Prof. Iruan Teixeira – Especialista – (UNESC)

Prof. Emerson Lodetti – Especialista – (LARM)

Gostaria de dedicar este trabalho a toda à minha família, especialmente a minha mãe Natalina Lemos, ao meu pai João Batista Albino Alves, e a minha noiva Josiane que sempre estiveram presentes nas horas mais difíceis dessa caminhada e que me ensinaram a amar, respeitar, ser honesto e dar valor as coisas simples da vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a “DEUS” por nos conceder o dom da vida e nos dar saúde para que possamos cumprir nossos objetivos durante toda a nossa caminhada;

Aos meus pais João Batista Albino Alves e Natalina Lemos que nunca mediram esforços para a realização desse meu sonho;

Aos meus avôs paternos Albino Vitorino Alves e Maria de Jesus Alves (*in memorian*); Aos meus avôs maternos Antenor Antônio Lemos e Dovirgem Maria Luiz Lemos;

A todos os familiares que sempre me apoiaram e sempre estiveram ao meu lado me dando força, e torcendo por mim;

A minha noiva Josiane que esteve sempre presente durante esses quatro anos, dando amor e carinho incondicionalmente, me fazendo sorrir das coisas mais simples e me mostrando que tudo ia ser melhor. Amor, te amo muito e te agradeço por tudo que tens feito por mim e por nós e que sem você nada seria possível pois você é a minha inspiração de todos os dias. E te peço desculpas pelos momentos que estive ausente para a realização do trabalho;

A liga atlética de região mineira e aos árbitros que fazem parte da entidade e colaboraram com a realização da pesquisa;

A fundação municipal de esportes da Içara que me deu a oportunidade de trabalhar como estagiário durante esses quatro anos; A todos os meus alunos que fizeram parte dessa jornada e que continuaram fazendo parte da minha vida;

A Sociedade recreativa mampituba (SRM), que abriu as portas para mim trabalhar como árbitro no recreativo;

Aos professores, colegas e funcionários da UNESC pelos conhecimentos adquiridos durante todos esses anos;

Agradeço em especial a minha orientadora Elisa Stradiotto, que é uma pessoa incrível, inteligente, amiga e que sempre tornava todas as orientações mais agradáveis e divertidas, onde se mostrava dedicada e nunca mediu esforços para me ajudar. Obrigado Professora;

Enfim, agradeço a todas as pessoas que participaram deste período e a todos que me ajudaram direta ou indiretamente. MUITO OBRIGADO a todos vocês!

“Sai de tua tenda

Oh filho meu, te mostrarei as estrelas do céu

Sai de tua tenda

Oh filho meu, te mostrarei a areia do mar

Será que podes contar?

Será que podes imaginar?

Tudo aquilo que sonhei para ti, filho meu?

**O que minhas mãos fizeram para ti, filho
meu?**

Minha benção será sobre ti

Uma nova história Deus tem pra mim

Um novo tempo Deus tem pra mim

Tudo aquilo que perdido foi

Ouvirei de sua boca, te abençoarei”

**Fernandinho – Uma nova História – (Álbum
uma nova história).**

RESUMO

A presente pesquisa tem como tema: A escolha de ser árbitro de futebol. A escolha de tema justifica-se, em saber quais os motivos que levam as pessoas a se tornarem árbitros de futebol, será o gosto pelo esporte ou pela questão financeira. O objetivo geral do presente estudo foi: Investigar o que leva as pessoas a se tornarem árbitros nos jogos de futebol, tendo como problema de pesquisa a seguinte questão: Qual o motivo que leva a pessoa a se tornar um árbitro de futebol? A investigação é descritiva qualitativa, sendo utilizado como instrumento de pesquisa um questionário semi-estruturado, aprovado por 3 professores que trabalham na instituição do curso de Ed. Física da UNESC, contendo treze (13) questões, sendo três (3) questões fechadas e dez (10) questões abertas, com uma população de quinze (15) árbitros, a amostra se constitui com cinco (5) colaboradores, sendo considerados árbitros que fazem parte do quadro de árbitros da Liga Atlético da Região Mineira (LARM). Estes dados coletados foram expostos em quadros, para melhor compreensão e análise dos dados. Para a realização desta análise os dados foram divididos em três (3) categorias definidos, o que leva o sujeito a se tornar um árbitro de futebol, as dificuldades encontradas na arbitragem, a violência no futebol e a disponibilidade em optar por outra profissão. A revisão bibliográfica e análises realizadas têm como base autores como, Frisselli e Mantovani (1999), Borsari (1989), Daolio (2005), Silva (2002), Nunes (2002), entre outros, onde permitiu concluir que os árbitros mesmo com a violência presente não pensam em parar de arbitrar nos jogos, por que realmente gostam do esporte e também pela questão financeira, onde esse dinheiro já faz parte do orçamento pessoal da vida de cada um, ou seja, unindo então o útil ao agradável.

Palavras-chave: Árbitro. Futebol. Violência. Trabalho.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Identificação dos árbitros e características como sexo, idade e formação escolar.....	32
---	----

LISTA DE ABREVEATURAS E SIGLAS

CBF – Confederação Brasileira de Futebol

FCF – Federação Catarinense de Futebol

FIFA – Fédération Internationale Football Association

FME – Fundação Municipal de Esportes

IFAB – International Football Association Board

LARM – Liga Atlético da Região Mineira

SRM – Sociedade Recreativa Mampituba

UNESC – Universidade do Extremo Sul Catarinense

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	12
2.1 A ORIGEM DO FUTEBOL.....	12
2.2 O FUTEBOL NO BRASIL	15
2.3 FUTEBOL E CULTURA.....	16
2.4 VIOLÊNCIA NO FUTEBOL	18
3 TRABALHO	20
3.1 ARBITRAGEM.....	21
3.2 ATRIBUIÇÕES DO ÁRBITRO PRINCIPAL	24
3.3 ALGUNS ASPECTOS QUE INFLUENCIAM NO COMPORTAMENTO DO ÁRBITRO.	26
4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	29
4.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA	29
4.2 DESCRIÇÃO DOS SUJEITOS PESQUISADOS	29
4.3 DESCRIÇÃO DA AMOSTRA	30
4.4 INSTRUMENTOS PARA COLETA DE DADOS E SUA OPERACIONALIDADE	30
4.5 CATEGORIAS.....	31
5 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	32
5.1 CATEGORIA A – O QUE LEVA O SUJEITO A SE TORNAR UM ÁRBITRO DE FUTEBOL.....	33
5.2 CATEGORIA B – AS DIFICULDADES ENCONTRADAS NA ARBITRAGEM.	38
5.3 CATEGORIA C – A VIOLÊNCIA NO FUTEBOL E A DISPONIBILIDADE EM OPTAR POR OUTRA PROFISSÃO.....	41
6 CONCLUSÃO	45
REFERÊNCIAS	48
APÊNDICE	51
ANEXO	54

1 INTRODUÇÃO

O futebol é um dos esportes mais praticados no mundo inteiro, desde a população de classe média baixa até a população de classe média alta, enfim por todos, sejam eles homens ou mulheres, o primeiro presente de um pai quando seu filho nasce no Brasil é uma bola de futebol, todo lugar há sempre uma bola de futebol sendo rolada, seja num campo, quadra, rua esburacada enfim, o futebol nos últimos tempos teve uma grande evolução na parte de treinos, ou seja preparação física e junto a essa evolução também vem as mudanças da própria regra do futebol.

E com essa evolução do futebol, houve a necessidade da criação das regras e conseqüentemente do árbitro para conduzir as partidas de acordo com as regras. Hoje a função do arbitro tem sido muito negligenciada, apesar de sua importância para o futebol, pois sem sua presença não pode ocorrer uma partida, de fato, para uma partida ser conduzida com eficiência, deverão estar presentes no campo de jogo no mínimo três árbitros, um atuando como árbitro principal e os outros dois atuando como árbitros assistentes, conhecidos popularmente como bandeirinhas.

Para ser um bom árbitro não basta somente saber as regras do jogo, têm que ter um bom conhecimento técnico, percepção visual, percepção auditiva, percepção espacial, um posicionamento ideal, o poder de decisão e o autocontrole emocional, essas qualidades estão ligadas na formação de um bom arbitro. Os árbitros na visão dos espectadores e treinadores só são considerados bons ou que fez um ótimo trabalho quando a sua equipe vence a partida, quando a sua equipe perde os árbitros são xingados com palavras de baixo calão, algumas vezes são agredidos fisicamente por torcedores ou até dirigentes dos próprios clubes, muitas vezes sofrem ameaças de morte antes do inicio da partida e dependendo do resultado final da partida após a partida.

Tendo isso em vista, este trabalho teve como **tema:** A escolha de ser árbitro de futebol.

Portanto levantou-se o seguinte **problema de pesquisa:** Quais os motivos que levam as pessoas a se tornarem árbitros de futebol?

Para responder o problema o presente estudo tem como **objetivo geral:** Investigar o que leva as pessoas a se tornarem árbitros nos jogos de futebol.

Para facilitar o cumprimento do objetivo geral, foram traçados os

seguintes **objetivos específicos**: Descrever quais as qualidades necessárias atribuídas ao desempenho de um árbitro nos jogos de futebol; constatar a formação profissional de um árbitro; verificar como eles enfrentam a violência de modo geral na realização dos jogos.

Para melhor desenvolver essa pesquisa foram traçadas algumas questões norteadoras:

Qual a influência que os árbitros tiveram para realizar essa função?

Quais as dificuldades que os árbitros enfrentam na arbitragem?

Para melhor entendimento, o presente estudo está dividido em capítulos e sub capítulos, subsidiado por vários autores, entre eles Frisselli e Mantovani (1999), Borsari (1989), Daolio (2005), Silva (2002), Nunes (2002), entre outros.

O capítulo um contém a origem do futebol, o futebol no Brasil, futebol e cultura e finalizando o capítulo um com a violência no futebol.

No capítulo dois temos um breve histórico sobre trabalho, arbitragem, atribuições do árbitro principal, alguns aspectos que influenciam no comportamento do árbitro.

No capítulo três temos a metodologia, apresentando caracterização e descrição da amostra, instrumentos para coleta de dados e sua operacionalidade, categorias.

No capítulo quatro temos a apresentação e análise dos dados seguidos de conclusão, referências, apêndice e anexo.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 A ORIGEM DO FUTEBOL

A origem do futebol segundo Cabral (1978), foi na china e para ser mais exato, começou dentro das velhas muralhas, no ano de 2700 a.C. Assim concordam a grande maioria, ou seja, quase todos os historiadores que pesquisam sobre o mesmo assunto.

No Japão antigo nasceu um esporte muito parecido com o futebol atual, chamava-se Kemari. Era realizado num campo de 200 metros quadrados. A bola era feita de fibras de bambu, contava com 16 jogadores, divididos em duas equipes de 8 jogadores cada, e dentre as regras o contato físico não era permitido. Historiadores especializados em futebol descobriram relatos que confirmam o fato de terem acontecido jogos entre chineses e japoneses na antiguidade (FRISSELLI e MANTOVANI, 1999).

Na Itália medieval também apareceu um jogo muito parecido. Era chamado de “gioco Del cálculo”, praticado em praças da Itália e contava com 27 jogadores de cada equipe que tinham como principal objetivo levar a bola até os dois postes que se situavam nos dois cantos extremos da praça. Os participantes transferiam para o jogo seus problemas pessoais, causados principalmente por questões sociais típicas da época medieval, portanto a violência era muito presente. Além da violência, o barulho e a desorganização eram muito intensos, tanto que o rei Eduardo II acabou por decretar uma lei proibindo a prática do jogo e condenando a prisão aos praticantes. Mas o jogo não foi extinto, graças a integrantes da nobreza que criaram uma nova versão do jogo, com regras, onde cerca de doze juizes deveriam cumprir as regras e abolir a violência do jogo.

Posteriormente o Gioco Del Cálculo chegou a Inglaterra por volta do século XVII, onde adquiriu regras diferentes e foi organizado e sistematizado. O campo de jogo teria medidas oficiais, que na época era 120 por 180 metros, e nas duas pontas seriam colocados dois aros retangulares chamados de gol. A bola era enchida com ar, e feita de couro. Assim surgiu o futebol, com regras claras e objetivas, o jogo começou a ser praticado por estudantes e filhos da nobreza inglesa (FRISSELLI e MANTOVANI, 1999).

Aos poucos o futebol foi se popularizando. Em 1848, numa conferência, foi criado um único código de regras para o futebol. Em 1871 foi estabelecido o guarda-redes – o goleiro do futebol atual – que seria o único autorizado pela regra a colocar as mãos na bola e deveria ficar próximo ao gol defendendo-o, evitando a entrada da bola. As regras foram surgindo, sendo aprimoradas para a melhoria do jogo. Em 1875 foi criada a regra do tempo da partida, que foi fixado em 90 minutos, e no ano de 1891 surgiu o pênalti, para punir a falta dentro da área (DUARTE, 1996, p. 13).

O marco histórico do futebol, de acordo com Frisselli e Mantovani (1999), ocorreu em Florença, no dia 17 de Fevereiro de 1529, quando Piazza Santa Croce dos grupos de 27 jogadores em cada lado decidiram resolver suas diferenças políticas ou outras rivalidades numa partida de CÁLPIO, como era denominado na época, sem vencedores, neste dia teve-se o primeiro empate, uma hipótese, já que não se tem relatos que apontavam uma vitória.

Ainda sobre esse marco Frisselli e Mantovani (1999, p.4):

Alguns anos mais tarde, em 1850, Giovanni di Bardi estabeleceu regras para o “CÁLPIO”, e apesar delas não terem sido registradas e chegado até os dias atuais, sabe-se que seu objetivo era ordenar um pouco o jogo, então praticado com demasiada violência. Desta forma os jogadores passaram a ter posições definidas, os pontapés e empurrões escandalosos foram proibidos e 10 árbitros foram instituídos, para punirem as infrações.

O impedimento foi adicionado as regras somente em 1907. No ano de 1885 foi iniciado o processo de profissionalização do futebol. Contribuindo para divulgar o futebol em diversas partes do mundo, uma equipe inglesa chamada Corinthians fez uma excursão fora da Europa, em 1897. No ano seguinte, foi criada a Football League para que pudessem organizar torneios internacionais. E por fim, em 1904, foi fundada a Federação Internacional de Futebol Association (FIFA), que organiza até hoje o futebol pelo mundo todo (FRISSELLI E MANTOVANI, 1999).

A origem do futebol segundo Borsari (1989), pesquisas e documentos comprovam-lhe a prática desde a pré-história, período em que era praticado com uma bola de granito, como afirma o professor Barkans da Universidade de Munique. O futebol, na verdade foi praticado por todos os povos da terra.

Na china, precisamente no ano de 206 A.C., o imperador Huang-Ti publicou um livro que regulamentava um jogo, praticado há 2.500 A.C. no treinamento militar de seus soldados. No ocidente os gregos, no ano 776 A.C. já conheciam um jogo de bola, o “epyskiros”, que integrava o programa da educação atlética da juventude helênica. Consistia em disputar, com os pés, a posse de uma

bexiga cheia de ar, por duas equipes de quinze jogadores. Os gregos cultivavam ainda o “harpaston” em que se usava uma bola de couro recheada com crina animal. O objetivo desse jogo era fazer a bola transpor o espaço entre dois bastões de alguns pés de altura, ligados por um cordão de seda.

Borsari (1989), afirma que este jogo, os romanos assimilaram-no, quando conquistaram a Grécia. Latinizado para “harpastum” era, na Roma antiga, de pleno agrado dos soldados devido à violência das jogadas e ao espírito de combatividade. A cada conquista dos romanos, o “harpastum” ganhava terreno: os gauleses o assimilaram, posteriormente, os francos.

Já na França, do “harpastum” originou-se o “soule ou choule”, com as naturais variações regionais, que era praticado ora como disputa violenta pelos populares. Tentava-se fazer uma bola passar por entre dois bastões fincados no solo. Por volta de 1500, em Florença, iniciou-se a prática de um jogo disputado por dois grupos de vinte e sete pessoas, com regras definidas.

Segundo Borsari (1989), em 1846, as primeiras regras foram ensaiadas, e o futebol começou a ser, largamente, praticado nas escolas e consolidou-se nos clubes. O “football”, como o “rugby”, usavam o mesmo campo, com onze jogadores de cada lado, com as mesmas pretensões táticas, ou seja, de totalidade ofensiva, com quase todos os jogadores correndo sobre a bola, no intuito de fazê-la passar por entre as traves da baliza.

Ainda sobre as regras Borsari (1989 p.12):

Somente em 1860 definiram-se os caminhos do “football”, pois, quando se tentou organizar campeonatos colegiais ou entre clubes houve necessidade de uniformizar as regras. Em 1862, formou-se uma comissão que elaborou o “the simplest play”; mas, no ano seguinte, em 26 de outubro, realizou-se a histórica reunião, na Taberna Freemason, em Londres, onde representantes de onze clubes e escolas definiram suas leis fundando a “The Football Assosiation”.

Somente em 1873 foi adotado o tiro de canto para tais situações. Em 1875, a corda que unia os postes foi substituída por uma barra transversal, ainda a 2,44 metros do solo. E a mudança do campo passou a ser feita somente no intervalo do meio tempo. Por essa época, o futebol já tinha atravessado os mares, espalhando-se pela Europa. Por iniciativa da França, Bélgica, Espanha, Suíça, Holanda, Suécia e Dinamarca, a 21 de maio de 1904, foi fundada a Federação

Internacional de Futebol, à qual se filiaram, posteriormente a Inglaterra, Alemanha, Áustria e Itália.

2.2 O FUTEBOL NO BRASIL

Para Frisselli e Mantovani (1999), os registros do futebol no Brasil são do ano de 1870, introduzidos através dos marinheiros holandeses e/ou ingleses. Existem registros também de que os padres jesuítas haviam trazido o jogo da Europa.

Segundo Murad (1996), o futebol foi introduzido oficialmente no Brasil em 1894, em São Paulo, por Charles Miller. Descendente de Ingleses, nascido em 24/11/1874, no Bairro do Brás, na capital paulista.

Segundo Reis (apud BRUNHS, 2000), ainda em 1894, o futebol moderno chega ao Brasil, restrito apenas para a elite paulista e carioca, enquanto na Inglaterra, onde teve sua origem, a profissionalização do futebol já era um fato irreversível.

Segundo Murad (1996), Charles Miller aos nove anos foi estudar na Inglaterra, encantou-se pelo esporte, sendo excelente jogador, habilidoso e artilheiro.

Afirma ainda Murad (1996), que retornando ao Brasil dez anos depois, Charles Miller trouxe em sua bagagem, duas bolas de futebol, dois uniformes completos, uma bomba de ar e uma agulha, as bolas eram de cadarço para fechar a passagem aberta entre os gomos de couro, onde era introduzido a câmara de ar, que machucava muito os jogadores na hora do cabeceio.

Conforme Murad (1996), Charles Miller foi quem abriu caminho para o esporte mais praticado no país, sem contarmos com as conquistas e a supremacia a nível mundial. Para o mesmo autor, Charles Miller, além de grande jogador, foi árbitro por muito tempo, falecendo em 1953 com 79 anos.

A tarefa de Charles Miller de organizar o futebol no Brasil não foi fácil, pois seus amigos jogavam críquete, outro esporte criado pelos ingleses. Em 1895 aconteceu o primeiro jogo no Brasil, onde Charles Miller atuou pelo São Paulo Railway Team, que venceu o The Gás Tem por 4x2. Aos poucos o futebol foi adquirindo novos adeptos que simpatizaram com o jogo e começaram a sua prática. Hans Nobinling, um professor Alemão, e Oscar Cox, um jovem carioca que estudou

na suíça, contribuíram bastante para difusão no Brasil. Nobiling fundou o Germânia, time de raízes alemã em São Paulo, hoje chamado Pinheiros. Já Oscar organizou o futebol no Rio de Janeiro.

Segundo Afif (1997) a Federação Internacional de Futebol (FIFA) reconheceria a Confederação Brasileira de Desportos (CBD) como única entidade oficial do Brasil. A partir daí, o futebol Brasileiro começou a participar de torneios importantes e cresceu muito o número de espectadores pelo futebol, não ficando mais restrito somente para elite.

E como complemento Reis (apud BRUNHS, 2000), afirma que com o passar dos anos, a partir de 1908, homens das outras classes sociais passaram a ter direito de jogar o futebol moderno, porém com algumas restrições, jogadores negros não podiam jogar, e também a dificuldade que os analfabetos tinham de jogar, pois precisavam assinar a súmula obrigatoriamente.

No próximo sub-capítulo falaremos sobre o futebol e cultura, pois ele faz parte da vida do brasileiro.

2.3 FUTEBOL E CULTURA

Segundo Daolio (2005), procura-se entender como um esporte oriundo de outra sociedade que é o futebol pode rapidamente se tornar parte integrante da vida do brasileiro.

Para Daolio (2005) cada país apresenta alguns hábitos e costumes próprios, por questão de sua própria cultura. O futebol jogado na Europa é diferente do futebol jogado no Brasil, o europeu é conhecido como o futebol-força, e o brasileiro como futebol-arte. Isso não significa que um é melhor do que o outro e sim que são culturas diferentes.

Afirma Daolio (2005) que a construção do estilo de jogo e mesmo sua produção foram um meio de consolidar e reconhecer a nossa identidade dentro do futebol, que simbolicamente foi conhecido como futebol-arte. Ficando marcada algumas de nossas características em jogadas de efeito, nos dribles, nas fintas, na forma de chutar a bola enfim, tornando-nos conhecidos internacionalmente.

O estilo de jogo brasileiro chama muito a atenção de todos, por ser diferente dos demais países, principalmente devido a exímia habilidade desses atletas.

De acordo com Scaglia (1999 apud DAOLIO, 2005), para o senso comum, essa habilidade é inata, ou seja, isso tudo porque o brasileiro já nasce sabendo jogar futebol, possui um dom, como expressão de sua natureza. Onde cabe ao professor de futebol dar apenas algumas dicas e mostrar quais gestos são corretos.

Para Daolio (2005) o brasileiro desde criança joga futebol na rua, em campos improvisados, na grande maioria sem grama, campos de chão batido cheios de buracos, alguns com árvores, postes no meio do campo, e isso tudo aliado às dificuldades no decorrer da brincadeira, ou seja, ele não precisa possuir uma bola, basta ter um objeto para chutar e está pronto para marcar o seu gol, e se divertir correndo por várias horas sem perceber que o tempo está passando.

Freire (2003, apud DAOLIO, 2005 p. 58-59), ilustra a relação que o brasileiro possui com o futebol:

Para Alguns, somos vitoriosos porque Deus é brasileiro; para outros, a explicação é genética. Mesmo que não sirva para esclarecer, basta dar uma volta por aí, pelas areias da praia, pelas quadras de futebol de salão, pelas ruas de terra ou de asfalto, por cada pedacinho de chão onde uma bola possa rolar, que o observador atento descobrirá que futebol para o brasileiro é uma grande brincadeira. Jogar bola tem sido a maior diversão da infância brasileira, principalmente da infância mais pobre e masculina, dos meninos de pés descalços, bola, brincadeira, são alguns dos ingredientes mágicos dessa pedagogia de rua que ensinou um país inteiro a jogar futebol melhor que ninguém.

Daolio (2005), afirma que como todas as pessoas influenciadas pela cultura, também são os chamados craques. Certamente os craques do futebol brasileiro praticavam desde pequenos, e sem dúvida nenhuma se alguns desses craques do futebol brasileiro tivessem nascido nos Estados Unidos seriam craques em basquetebol, isso também ocorreria devido a cultura dos norte-americanos. E não foi por acaso que os Estados Unidos e o Brasil produziram excelentes jogadores de basquetebol e de futebol, como, Michael Jordan e Pelé, isso tudo ocorreu devido as suas culturas.

Sabemos que a mídia propaga o futebol, diariamente, mostrando também a violência vivida nos campos de futebol, portanto o próximo sub-capítulo descreveremos sobre este assunto.

2.4 VIOLÊNCIA NO FUTEBOL

Segundo Daolio (2005), não é possível e nem dá para entender a relação entre espetáculo futebolístico e a violência fora de um contexto social e mais amplo. A violência associada ao esporte é imprescindível quando se analisa o problema que envolve os espectadores e os torcedores de futebol, isso ocorre devido a grande massa de apreciadores desse esporte nos estádios em quase todos os países.

Para o autor a impressão de que a violência no esporte é um tema contemporâneo. Segundo o autor toda essa sensação é gerada pela própria mídia, gerando insistentemente matérias de manifestações violentas de uma forma que chega a ser sensacionalista. No Brasil teve um fato em especial, e foi tomado como referência sobre o tema futebol e violência de torcidas, esse que foi o episódio do Pacaembu em agosto de 1995, em uma final da copa de futebol Junior. Na maioria das matérias veiculadas pela mídia de eventos esportivos que apresentam confrontos violentos entre torcidas ou entre torcedores e policiais, as imagens e os acontecimentos do “caso Pacaembu” são sempre lembrados e exibidos juntamente com uma retrospectiva dos piores episódios de violência no esporte, sendo esse caso citado como um exemplo pela mídia.

Afirma Daolio (2005), que a relação entre a violência e esporte é complexa, com maior visibilidade no espetáculo futebolístico por causa da dimensão e da importância deste como um dos principais fenômenos socioculturais do século XX e da grande ampliação da projeção do futebol-espetáculo como principal produto da indústria cultural. Portanto, trata-se a violência relacionada ao esporte-espetáculo como uma problemática das sociedades urbano-industriais desde a sua origem, devido a essas origens o esporte moderno teve a sua gênese nesse mesmo modelo de sociedade.

O autor descreve que em relação a violência das torcidas de futebol no Brasil, ele destaca como papel importante as chamadas torcidas organizadas e questiona a sua aproximação ou não com os “hooligans” ingleses ou com os holandeses e os alemães, estes últimos considerados na atualidade os mais violentos torcedores de futebol, o que mais preocupam as autoridades públicas em âmbito europeu.

Daolio descreve os tipos de violência gerados pelos seres humanos são diversos e complexos. Para uma melhor compreensão da violência relacionada aos

espetáculos esportivos, especificamente o futebol, o autor irá simplificar os tipos de violência citando quatro deles: a violência simbólica, a afetiva, a racional e a real.

Segundo o autor, a violência simbólica envolve apenas atitudes verbais ou gestuais, sendo que normalmente ela é emocionalmente satisfatória e agradável.

A violência afetiva é aquela em que os indivíduos se manifestam com o intuito de demonstrar seus sentimentos e de liberar a energia provocada pela tensão causada pela ansiedade da partida e pela expectativa do resultado. Ela é socialmente aceita e podemos observar nos estádios em forma de canções e hinos (REIS, 1998, apud DAOLIO, 2005). “A violência racional é aquela em que os indivíduos ou um determinado grupo, tem a intenção premeditada de provocar conflitos e gerar confrontos violentos através do uso da mesma, ou seja, quem a utiliza tem um objetivo a atingir” (REIS, 1998, apud DAOLIO, 2005, p. 114).

O autor descreve que nos jogos observados no estado de São Paulo, ele pode presenciar o roubo de bandeiras e camisetas de torcidas adversárias e inclusive a queima desses objetos. Essas ações seriam comuns nos “trajetos” para o estádio e também dentro dele. As torcidas montam estratégias para esses tipos de ações além de serem planejadas visam também a agressão ao seu adversário com a queima de seus símbolos mais caros.

Muita das vezes, quando essas ações não são perfeitas, e saem dos padrões planejados, elas são seguidas de grandes tumultos com agressões físicas e de contato, caracterizando a “violência real”, conhecida na mídia como a guerra entre torcidas.

Em se tratando de ser árbitro no espaço futebolístico, o trabalho é uma constante.

3 TRABALHO

Segundo alguns historiadores, apontado por Ferrari (1998), o trabalho foi instituído inicialmente como um castigo ou como uma dor. A palavra surgiu no sentido de tortura, no latim *tripaliare*, torturar com *tripalium*, máquina de três pontas. A etimologia admitida para o vocábulo trabalho é a do latim *trabs*, *trabis*, viga, de onde se originou inicialmente um tipo *trabare*, que deu no castelhano *trabar*, etimologicamente obstruir o caminho por meio de uma viga e logo depois outro tipo diminutivo de *trabaculare*, que produziu trabalhar.

O autor acima descreve que, o que sempre se disse a respeito do significado do trabalho, como atividade humana, ou seja, de que ele representava um esforço, um cansaço, uma pena e, até um castigo. Sociologicamente foi, efetivamente assim, sabendo-se que o trabalho era “coisa” de escravos, os quais, no fundo, pagavam seu sustento com o “suor de seus rostos”. Escravos e servos, historicamente eram os que dedicavam-se ao trabalho que nas suas origens, eram sempre pesados. A produção de bens, por mais simples e, por vezes, ainda o são, é atividade do homem chamada trabalho que evoluiu da escravidão ao contrato de trabalho (FERRARI, 1998).

O trabalho não se insere na repetitividade da condição humana, ou seja, é pelo trabalho que o homem constrói criações e transforma o mundo em um partilhamento de objetivos com a natureza. (WOLECK, s/d).

O autor acima citado afirma que, a lógica do trabalho já ultrapassou muitas áreas desde a cultura até esportes. Onde na sociedade moderna, o trabalho para muitos, se transformou em emprego.

Um homem só satisfaz seu desejo, suas carências humanas, quando outro homem seu igual lhe reconhece o seu valor humano. O homem só pode manter-se humano na relação com outros homens. (ALBORNOZ: 2002, p. 64)

Dimande (2010, p.3), afirma que “O trabalho significa para muitos: manutenção, busca de status, realização de um projeto de vida, realização pessoal ou familiar, independência da família, aceitação de papéis adultos, necessidade de sustentar, etc”.

Para o autor, o trabalho para alguns é visto como causador de incômodos e desprazer, enquanto para outros é mera fonte de subsistência sem nenhum tipo de gratificação; para outros, ainda, é fonte de grande realização, prazer, chegando até a ser “mola” impulsionadora de suas vidas.

Aponta Antunes (apud GOMES, 2004), que quando se estuda o trabalho, é importante e fundamental, resgatar a afirmação feita por Marx entre o trabalho concreto e o trabalho abstrato. Marx em suas palavras afirma que

[...] todo trabalho é, por um lado, dispêndio de força de trabalho do homem no sentido fisiológico, e nessa qualidade de trabalho humano igual ou trabalho abstrato gera o valor das mercadorias. Todo trabalho é, por outro lado, dispêndio de força de trabalho do homem sob forma especificamente adequada a um fim, e nessa qualidade de trabalho concreto útil, produz valores de uso (MARX, 1983, p.53).

A partir destes conceitos sobre o que é trabalho na visão de alguns autores, busca-se compreender, qual a função do árbitro sua formação, sua origem e os aspectos psicológicos que influenciam no desempenho do árbitro.

3.1 ARBITRAGEM

Segundo o site www.museodosesportes.com.br no texto “o árbitro e as mudanças na regra do futebol”, a figura do árbitro de futebol surge no ano de 1871, mas ele fica fora do campo, em 1878 o árbitro passa a usar um apito para controlar a partida, em 1891 o árbitro começa a trabalhar entre os jogadores onde surgem os árbitros assistentes conhecidos popularmente como (bandeirinhas), já em 1935 foi testado na Inglaterra a arbitragem com dois árbitros, mas a idéia não vingou, no ano de 1970 são usados pela primeira vez, na copa do México, os cartões vermelho e o amarelo, para punir os atletas que cometessem algumas atitudes violentas durante o decorrer de uma partida.

A palavra “árbitro”, segundo Hourse & Ford, (1986 apud NUNES 2002), é a tradução da palavra “referee”, que vem de (referir), em outras palavras era a pessoa a quem os homens ímpares recorriam se tivessem dúvidas perante a uma determinada situação.

De acordo com Duarte (1997 apud SILVA 2005), a figura árbitro de futebol é tão antiga quanto o próprio futebol. Essa figura muito polêmica surgiu ainda no século XIX.

A FIFA (2001 apud SILVA 2005), afirma que a função do árbitro tem sido muito negligenciada, devido a sua importância para o futebol, pois sem a presença dos “homens de preto” não pode ocorrer uma partida. Pois de fato, hoje em dia para uma partida ser conduzida deverão estar presentes no campo de jogo no mínimo três árbitros, dois atuando como árbitros assistentes conhecidos popularmente como (bandeirinhas) e um como árbitro principal aquele que possui o apito.

Afirma Silva (2005), que por muito tempo o árbitro de futebol foi considerado uma das figuras secundárias no futebol e com o passar dos anos percebeu-se que o árbitro também é uma das pessoas que pode interferir diretamente no resultado final de uma partida, pois por tomar uma decisão equivocada ou precipitada, podendo tirar do campeonato uma das equipes que talvez tenha investido milhões de dólares na compra de materiais, viagens e até mesmo no preparo dos seus jogadores.

O autor acima citado descreve que devido a toda essa importância do árbitro durante as partidas a comunidade científica passou a estudá-lo para fundamentar sua preparação mental e principalmente a física.

Afirma Almeida (s/d, apud SILVA et al. 2002), que os primeiros árbitros conhecidos na época e até hoje como (juízes) usavam irrepreensíveis calças vincadas, bem cortadas e jaquetas e que corriam pelos campos enlameados parando a partida a gritos quando achavam que teria sido cometida uma falta .

Saldanha (1971 apud SILVA et al. 2002), afirma que com o passar dos anos o senso comum já não garantia que as regras fossem cumpridas pelos jogadores e que antes do aparecimento da figura do árbitro de futebol, quem cumpria o seu papel era uma comissão, que no decorrer das partidas se posicionavam em um palanque e essa comissão só se pronunciava ou interferia no jogo mediante as reclamações de uma das equipes.

Saldanha (1971), continua afirmando que quando uma das equipes se sentisse prejudicada, recorria à comissão, todos os jogadores da equipe se manifestavam e dirigiam-se até a mesma exigindo as providências a serem tomadas pela comissão, contudo essas reclamações nem sempre eram em termos, portanto

muitas vezes o palanque em que se encontrava a comissão era lançado no chão com comissão e tudo.

Então para não ocorrer mais essas situações desagradáveis e violentas foi definido que cada equipe poderia ter apenas uma pessoa para dirigir-se até a comissão, esse jogador na época foi chamado de o jogador “reclamador” e que o mesmo deveria utilizar um boné. O boné deu origem ao que se convencionou chamar de capitão da equipe, porque a palavra boné em inglês é “cap”, e quando uma equipe inglesa ia jogar em outro país, aparecia na escalação do time um dos jogadores designado como “cap” e todos achavam que era abreviatura de capitão.

Monzolello (s/d, apud SILVA et. al, 2002), descreve que a arbitragem é um “troço doido” isso porque o julgamento desportivo é uma difícil tarefa pela própria dinâmica intrínseca do jogo. Isso tudo porque o árbitro deve primeiramente, em um mesmo instante observar, logo após constatar, na mesma seqüência interpretar a situação, julgar ou até mesmo dependendo das circunstâncias absolver ou punir um atleta, o que não é fácil e não é qualquer pessoa que consegue.

Segundo Silva (et. al. 2002), o árbitro é chamado na maioria das vezes de “juiz”, mas o correto na verdade o profissional encarregado de conduzir uma partida de futebol é “árbitro”. Toda essa confusão acontece pelo fato de que a muito tempo atrás quando o futebol surgiu a própria regra dava o nome ao árbitro de juiz, e seus árbitros assistentes de auxiliares, fiscais ou juízes de linha.

Barros (1990), afirma que é uma situação muito difícil de conduzir uma partida no Brasil, isso acontece por que são muitos os fatores que contribuem para tal, muitos são os problemas que interferem na partida, principalmente na arbitragem, pode-se destacar a falta de estrutura da maioria dos campos de futebol, a falta de segurança, a conduta desonesta de alguns dirigentes, dos próprios patrocinadores, a falta de conhecimento das regras por atletas, técnicos e treinadores, principalmente do público e o próprio despreparo de alguns árbitros.

Segundo o autor citado acima as previsões para o mau andamento de uma partida de futebol começam uma semana antes de um clássico. Isso tudo influenciado pela própria imprensa onde a mesma começa a especular, os dirigentes querem coagir o árbitro e várias pessoas começam a emitir suas opiniões sobre quem deve ou não apitar o clássico.

De acordo com Silva (et. al 2002), hoje, apitar uma partida de futebol requer do árbitro mais conhecimento que qualquer treinamento pode dar. Hoje o

árbitro é visto por quase todos como um inimigo, ou seja, qualquer atitude que tenha é suspeita, se cumprimentar alguém de forma calorosa antes do jogo, já há quem pense que já está sendo comprado.

A pressão psicológica e tão grande naquele momento, que a seguir se transcreve o que um árbitro escreveu na súmula após um jogo turbulento no estado de São Paulo;

Pelo exposto, vê-se que, mesmo com o cavalheirismo e abnegação do presidente do Internacional, Sr. Benedito, se não fosse o Todo Poderoso descer lá das alturas e dar-nos uma ajudazinha, e o nosso Anjo da Guarda haver trabalhado sem descanso durante os 90 minutos de jogo, não sei se hoje os meus filhos não estariam lamentando o desaparecimento prematuro do pai deles. Sim, porquanto ao entrar no estádio, fui logo sendo ameaçado de [...] (ALMEIDA, s/d, apud SILVA et. al, 2002).

Segundo a IFAB (2005/2006, apud DAGOSTIM, 2009), existem 3 etapas na formação do árbitro.

A primeira é a etapa de iniciação compreendida de 20 a 29 anos, segundo o autor ela se caracteriza pelo pouco conhecimento as regras do jogo para conduzir as partidas.

A segunda etapa é conhecida como a etapa da perfeição, é compreendida dos 29 aos 37 anos, onde o árbitro se aprofunda nos conhecimentos das regras do jogo, ele já controla a partida com mais segurança.

E por fim a ultima etapa, conhecida como etapa da maturação, que estende-se dos 38 anos em diante, fase essa caracterizada pelo amplo domínio das regras, o vasto conhecimento que adquiriu durante toda a sua carreira dentro da arbitragem, controla a partida adequadamente e com o total domínio sobre o jogo.

3.2 ATRIBUIÇÕES DO ÁRBITRO PRINCIPAL

As atribuições do arbitro principal da partida segundo a International Football Association Board (2007/2008), são: Faz cumprir as regras de jogo; Controla a partida em cooperação com os árbitros assistentes e, quando for o caso, com o quarto árbitro; Assegura que as bolas utilizadas atendem as exigências da regra 2; Assegurará que o equipamento dos jogadores atende as exigências da regra 4; Atua como cronometrista e mantém um registro da partida; Paralisa, suspende ou encerra a partida, a seu critério, por qualquer infração às Regras do Jogo; Paralisa,

suspende ou encerra a partida por qualquer tipo de interferência externa; Paralisa a partida, se em sua opinião, um jogador esta seriamente lesionado e assegura que o mesmo seja transportado para fora do campo de jogo. Um jogador lesionado só pode retornar ao campo de jogo depois que a partida tenha sido reiniciada.

O árbitro permite que o jogo continue ate que a bola esteja fora de jogo se, em sua opinião, um jogador está levemente lesionado; Assegura que todo jogador com sangramento de uma ferida saia do campo de jogo. O jogador só pode retornar depois do sinal do árbitro, que deve estar convencido de que o ferimento tenha deixado de sangrar; Permitti que o jogo continue quando a equipe que sofreu uma falta se beneficiará de uma vantagem e puni a falta cometida inicialmente se a vantagem prevista não se concretiza nesse momento; Pune a falta mais grave quando um jogador comete mais de uma falta ao mesmo tempo; Toma medidas disciplinares contra jogadores que cometem faltas puníveis com advertência ou expulsão.

Ele não esta obrigado a tomar essas medidas imediatamente, porém deverá fazê-lo assim que a bola estiver fora de jogo; Toma medidas contra os funcionários oficiais das equipes que não se comportam de maneira responsável e pode, a seu critério expulsá-los do campo de jogo e seus arredores; Atua conforme as indicações de seus árbitros assistentes em relação a incidentes que não viu; Assegura que nenhuma pessoa não autorizada entre no campo de jogo; Reinicia a partida depois de ter sido paralisada; Providencia as autoridades competentes um relatório da partida, com informações sobre qualquer medida disciplinar tomada contra jogadores e/ou funcionários oficiais das equipes e sobre qualquer outro incidente que ocorreu antes, durante e depois da partida.

As decisões do árbitro são definitivas, porém pode voltar atrás de sua decisão se perceber erros ou conforme a indicação de um de seus árbitros assistentes, antes que tenha reiniciado ou terminado a partida.

De acordo com a decisão 1, da International Football Association Board (2007/2008), o arbitro não é responsável por: Qualquer tipo de lesão sofrida por um jogador, funcionário oficial ou expectador; Qualquer dano material; Qualquer outra perda sofrida por indivíduo, clube, companhia, associação ou outra entidade, a qual se deva ou possa dever-se a alguma decisão que o árbitro pode tomar em conformidade com as Regras de Jogo ou com o procedimento normal requerido para realizar e controlar uma partida.

3.3 ALGUNS ASPECTOS QUE INFLUENCIAM NO COMPORTAMENTO DO ÁRBITRO.

Auto-estima

Segundo Branden (2000, apud NUNES; SHIGUNOV, 2002), que para definir a auto-estima é utilizada a palavra “confiança”, ele entende como se fosse a nossa capacidade de pensar, nossa habilidade de enfrentamento dos nossos desafios da própria vida, o nosso direito de vencer e de sermos felizes. E destaca como essência da auto-estima a confiança nas próprias idéias é saber ser merecedor da felicidade.

Branden aponta que está convicção/confiança é um fator tanto motivacional quanto de comportamento. O autor afirma que, o nível da auto-estima influencia muito nos atos, e o modo como agimos influenciado por sua vez, o nível da auto-estima. Entretanto, o nível da auto-estima não se fixa na infância definitivamente, ele pode simplesmente ter um crescimento no decorrer do amadurecimento da pessoa, ou pode deteriorar se, assim como a auto-estima pode ser mais alta em pessoas mais jovens, do que nas pessoas de maior idade, ou vice-versa.

Ainda segundo Branden (2000, apud NUNES, SHIGUNOV, 2002, p. 74),

A auto-estima saudável correlaciona-se com a racionalidade, realismo, intuição, criatividade, independência, flexibilidade, habilidade para lidar com mudanças, disponibilidade para admitir (e corrigir) erros, benevolência e cooperação. A auto-estima baixa correlaciona-se com irracionalidade, cegueira diante da realidade, rigidez, medo do novo e não-familiar, conformismo ou rebeldia impróprios, postura defensiva, comportamento por demais submisso ou supercontrolador e medo dos outros ou hostilidade em relação a eles.

Segundo Sabbi (1999, apud NUNES, SHIGUNOV, 2002, p. 74), que apresenta uma seguinte definição entre inteligência emocional e auto-estima:

Auto-estima é o conjunto de crenças que temos e aceitamos como verdade em relação a nós mesmos, nossa capacidade e o que podemos fazer. Inclui a confiança para pensarmos e enfrentarmos os desafios da vida, nossa vontade de crescer e sermos felizes, a integridade pessoal, a sensação de sermos merecedores, dignos, qualificados para expressarmos nossas necessidades e desejos e desfrutarmos os resultados de nossos esforços [...].

Nazareno (1997, apud NUNES, SHIGUNOV, 2002), afirma que na atualidade um dos maiores problemas da arbitragem de futebol não é como muitos pensam, a incapacidade de alguns acompanhar com maior precisão o jogo que se torna cada vez mais veloz e melhor percebido para as pessoas que acompanham os jogos através da tecnologia televisiva, pois fica cada vez mais fácil identificar a insegurança e instabilidade emocional causada pelas fortes pressões exercidas no âmbito mais abrangente deste esporte, ou seja, não somente o que ocorre no interior das quatro linhas do campo de jogo.

Montiel (1998, apud NUNES, SHIGUNOV, 2002), aponta que sobre a imagem que convém ao árbitro, quatro elementos que são considerados fundamentais, onde destaca a construção da sua imagem dada ao campo de jogo: seriedade, honestidade, respeitosa autoridade e imparcialidade. Segundo o autor o árbitro não tem que temer, pois o mesmo é conhecedor das regras do futebol e conta com a confiança dos seus dirigentes, aqueles quem os convocam para os jogos, e só precisa cumprir o seu trabalho sem tentar inventar regras e táticas. Ele também não deve ser o centro das atenções, pois os artistas, os protagonistas do espetáculo são os jogadores, na linguagem usual dos árbitros ou até mesmo dos dirigentes, “quanto menos o árbitro aparecer durante o jogo, melhor será o jogo”.

Motivação

Um fator psicológico muito influente para a atuação em qualquer atividade a ser executada é a motivação, ou seja, ela é realizada com força de vontade, com ânimo e com raça.

Segundo Samulski (1995, apud SAMULSKI, 2002, p.104):

A motivação é caracterizada como um processo ativo, intencional e dirigido a uma meta, o qual depende da interação de fatores pessoais (intrínsecos) e ambientais (extrínsecos). Segundo esse modelo, a ativação apresenta uma determinante de motivação do comportamento (intenções, interesses, motivos e metas).

Voli (1998, apud NUNES, 2002), afirma que um indivíduo com baixo nível de motivação mostra-se incapaz de alcançar alguns dos seus objetivos, ele tem uma grande dificuldade de tomar algumas decisões perante determinadas situações, não apresenta preocupações com a qualidade do trabalho, demonstra sentimento de

inutilidade e falta de iniciativa, entretanto, um individuo quando está motivado ele se sente disposto a buscar outras atividades novas, busca alternativas e soluções, e é capaz de usar a sua criatividade para a sua criatividade para desenvolver suas capacidades, e além disso é ativo.

Para Montiel (1998, apud NUNES, 2002), a motivação para o árbitro de futebol pode ser classificada como intrínsecas, representando o gosto e o prazer em arbitrar; ou extrínsecas como o status perante a sociedade e o dinheiro.

Aspectos físicos

Segundo a Real Federacion Española de Futebol (2007, apud MARTINEELO, 2007), o esforço físico durante a condução de um jogo, para um árbitro de futebol é fundamentalmente á corrida, o seu deslocamento por todo o campo de jogo, sem interferir no andamento da partida.

Afirma o autor que muitas vezes o árbitro precisa-se manter em atitude dinâmica, ultrapassando os 90 minutos de jogo, sendo que destes, 33 a 45 minutos são, deslocamentos, sprints pra frente e para trás, continuas trocas de ritmo e direção, onde as corridas e trotes representam de 25 a 35 minutos.

Segundo Dagostim (2009), a atividade física desempenhada pelo árbitro de futebol durante o decorrer da partida, é predominante aeróbia, de moderada intensidade.

O autor afirma que dependendo do campo de futebol, e da intensidade da partida, um árbitro chega a percorrer em média de 7.000 à 10.000 metros por partida, onde esses deslocamentos são, sprints, deslocamentos laterais, caminhada, entre outros.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Segundo Minayo (2003, p. 16), a metodologia de pesquisa é o caminho do pensamento a ser seguido. Ocupa um lugar central na teoria e trata-se basicamente do conjunto de técnicas a ser adotada para construir uma realidade.

Para Salomon (1999), trata-se de um estudo sobre um tema específico ou particular, com suficiente valor representativo e que obedece a rigorosa metodologia. Investiga determinado assunto não só em profundidade, mas também em todos os seus ângulos e aspectos, dependendo dos fins a que se destinam.

4.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

O estudo caracteriza-se por uma pesquisa descritiva, onde para Júnior (2008, p. 83), “visa descobrir e observar fenômenos existentes, situações presentes e eventos, procurando descrevê-los, classificá-los, compará-los, interpretá-los e avaliá-los, com o objetivo de aclarar situações para idealizar futuros planos e decisões”.

Uma das linhas mestras que norteia a pesquisa de corte qualitativa é a sustentação da crença de que as generalizações não são possíveis. E a base desta investigação se centra na descrição, análise e interpretação das informações recolhidas durante o processo investigatório, procurando entendê-las de forma contextualizada (MOLINA, NETO; et al., 2004).

4.2 DESCRIÇÃO DOS SUJEITOS PESQUISADOS

Para Lakatos & Marconi (2001), universo ou população, é o conjunto de seres animados ou inanimados que apresentam pelo menos uma ou mais características em comum. Segundo eles a delimitação do universo consiste em explicitar pessoas ou coisas, fenômenos a serem pesquisados, enumerando suas características comuns, como, por exemplo, sexo, faixa etária, organização a que pertencem e comunidade onde vivem.

A população deste estudo foi composta por quinze (15) árbitros filiados a Liga Atlético da Região Mineira (LARM), que fazem parte do quadro de árbitros onde

os mesmos atuam como árbitros principais, com idade entre 20 e 50 anos, do sexo masculino e tempo de prática de pelo menos 3 anos.

4.3 DESCRIÇÃO DA AMOSTRA

Afirma Lakatos & Marconi (2001, p. 223) “o conceito de amostra é ser uma porção ou parcela, convenientemente selecionada do universo (população); é um subconjunto do universo”.

Participaram do estudo cinco (5) indivíduos, sendo que os mesmos fazem parte do quadro de árbitros da Liga Atlética da Região Mineira (LARM), onde atuam como árbitros principais no mínimo uma vez durante a semana.

4.4 INSTRUMENTOS PARA COLETA DE DADOS E SUA OPERACIONALIDADE

Segundo Junior (2008), questionário é um instrumento utilizado para obter dados de um determinado grupo social por intermédio de questões a ele formuladas, servindo para determinar as características desse grupo em função de algumas variáveis predeterminadas, individuais ou grupais.

Para o levantamento da coleta das informações, foi utilizado um questionário semi-estruturado elaborado pelo pesquisador juntamente com o seu orientador, onde o mesmo passou pela análise de três (3) professores.

O questionário foi composto por treze (13) perguntas onde contem três (3) perguntas fechadas e dez (10) perguntas abertas, divididas em aspectos pessoais e aspectos profissionais relacionadas ao interesse do estudo.

O procedimento para a coleta dos dados foi feita de seguinte forma. O pesquisador entrou em contato com a Liga Atlética da Região Mineira (LARM), para obter o número de árbitros que atuam como árbitros principais e que compõem o quadro de árbitros da entidade, após os resultados obtidos o presente pesquisador escolheu cinco (5) árbitros, conforme sua afinidade perante os mesmos, pois o pesquisador também presta serviços à entidade e conhece os colaboradores. Após definir a amostra o pesquisador entrou em contato com os árbitros e fez o convite pessoalmente para participarem do estudo, todos os cinco (5) árbitros convidados aceitaram o convite e colaboraram para a realização da pesquisa.

O questionário foi aplicado no segundo semestre de 2011, para ser mais claro no mês de outubro e foi da seguinte forma, após eles lerem o termo de consentimento livre e esclarecido e concordarem em serem colaboradores, foi entregue o questionário de forma individual, onde o próprio pesquisador ficou presente todo o tempo até que o colaborador terminasse de responder o mesmo, foi feito esse procedimento com todos os colaboradores para não haver uma suposta manipulação dos dados finais.

4.5 CATEGORIAS

Categorias segundo (MAITRE, 1987 apud MOLINA, NETO: et al., 2004), é nada mais que as informações obtidas, analisadas e ordenadas de acordo com categorias de significados, cuja definição é efetuada a partir do tratamento da própria informação, quando então forem convertidas em categorias analíticas, onde os estudos somente serão produtivos na medida em que as categorias sejam claramente formuladas e bem adaptadas ao problema e ao conteúdo.

A partir dos dados coletados foram selecionadas 3 categorias que serão analisadas e discutidas no próximo capítulo.

5 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Este capítulo trata-se de compreender as falas dos entrevistados, para poder se aproximar de uma realidade que venha a responder o problema traçado dos objetivos propostos.

Inicialmente como esta pesquisa foi realizada por meio de questionários, sendo necessária uma maior proximidade com os indivíduos participantes, onde segundo Ludke e André (1986), que propõem o uso de nomes fictícios para garantir o sigilo dos entrevistados e assim tornar a coleta de dados mais proveitosa.

Assim os nomes dos entrevistados foram trocados por letras do alfabeto, garantindo assim que o anonimato fosse mantido. A seguir para se conhecer melhor os entrevistados, segue o quadro (1) de identificação dos árbitros contendo as suas características pessoais.

Quadro 1: Identificação dos árbitros e características como sexo, idade e formação escolar.

1- <u>Sexo</u>
<ul style="list-style-type: none"> • A, B, C, D, E: Masculino
2- <u>Idade</u>
<ul style="list-style-type: none"> • A, C, D, E: de 31 a 35 anos • B: de 26 a 30 anos
3- <u>Formação escolar</u>
<ul style="list-style-type: none"> • A, D: Curso superior completo: Educação física licenciatura plena • B: Curso superior incompleto: Secretariado executivo • C: Ensino médio incompleto • E: Ensino médio completo

Fonte: Alves (2011)

O quadro 1 mostra características pessoais dos 5 colaboradores em questão. Sendo todos do sexo masculino. Destes sujeitos relacionados, 4 (A,C,D,E) possuem idade entre 31 e 35 anos e 1 deles (B) possui idade de 30 anos. Ainda analisando o quadro 1 podemos dizer que 2 deles (A,B) são formados em educação física licenciatura plena, 1 (B) tem curso superior incompleto, cursava secretariado executivo, 1 (C) tem o ensino médio incompleto e o ultimo (E) tem o ensino médio completo.

Observamos nestes dados que não são todos formados na área da Ed. Física. Fica claro que para ser um árbitro não é necessário ser formado em algum curso superior, basta apenas participar de alguns cursos de arbitragem de futebol para ser um árbitro no futebol amador, fora alguns aspectos como, físico, técnico, auto-estima, controle emocional, motivação que são necessários na sua qualificação.

Isso ocorre devido as entidades envolvidas não exigirem dos árbitros uma formação no ensino superior, isso serve também para federação catarinense de futebol (FCF), já para se tornar um árbitro da confederação brasileira de futebol (CBF), é necessário ter no mínimo uma formação superior em qualquer curso, não havendo necessidade de ser somente no curso de Ed. Física.

Dando continuidade a análise do discurso, verificando o quadro 2 conforme apêndice A, procuramos escolher 3 categorias que se aproximaram do tema e do problema, para ser discutido com esclarecimento das teorias pesquisadas e do entendimento do pesquisador.

Diante disso as categorias selecionadas foram:

- A.** O que leva o sujeito a se tornar um árbitro de futebol.
- B.** As dificuldades encontradas na arbitragem.
- C.** A violência no futebol e a disponibilidade em optar por outra profissão.

Neste momento descreveremos sobre a primeira categoria.

5.1 CATEGORIA A – O QUE LEVA O SUJEITO A SE TORNAR UM ÁRBITRO DE FUTEBOL.

Foi questionado aos árbitros, qual foi a idade que eles iniciaram na arbitragem¹. Com as respostas foi possível identificar que dois (2) árbitros (B,D) iniciarão antes da etapa de iniciação, que segundo (IFAB, 2005/2006, apud DAGOSTIM, 2009), está etapa de iniciação é compreendida de 20 a 29 anos, onde caracteriza-se pelo conhecimento mínimo das regras do jogo para conduzir as partidas. Continuando a análise observamos que três (3) árbitros (A,C,E) iniciaram

¹ Ver resposta Quadro 2, questão nº 1.

na arbitragem um pouco tarde, passando alguns anos da etapa de iniciação. Observamos as respostas deles abaixo:

“23 anos” (A).

“12 anos” (B).

“25 anos” (C).

“16 anos” (D).

“26 anos” (E).

Com base na pergunta e nas respostas anteriores, perguntou-se para os mesmos se foi uma decisão deles entrar na arbitragem, ou se eles foram convidados por alguém². Os árbitros (A,D) responderam que foi uma decisão deles mesmo, já o árbitro (B) disse que foi convidado pelo seu próprio pai, talvez seja esse o motivo de ele ter iniciado tão cedo na arbitragem, já os árbitros (C,E) responderam que foram convidados por amigos.

Sabemos que muitas vezes os árbitros acontecem ao acaso, alguns dos motivos são por gostarem do esporte, muitas vezes é por estar com os amigos no final de semana reunidos para uma partida e não ter ninguém para apitar a mesma, onde os amigos pedem para uma determinada pessoa apitar o jogo, e esse acaba por gostar da função, enfim tornando-se um árbitro de futebol.

“Decisão minha” (A,D).

“Fui convidado pelo meu pai” (B).

“Convidado por amigos” (C,E).

Perguntou-se também aos árbitros qual o motivo que levou eles a se tornarem árbitros³. É importante ressaltar que nessa questão os árbitros tiveram respostas parecidas. E dizem o seguinte:

“Por gostar do esporte e a oportunidade de desenvolver um trabalho relacionado a minha profissão” (A).

“Meu pai era árbitro” (B).

² Ver resposta Quadro 2, questão nº 2.

³ Ver resposta Quadro 2, questão nº 3.

“Gostava de futebol” (C,E).

“Gosto pelo esporte e financeiro” (D).

Podemos observar com as respostas que o árbitro identificado pela letra (A) entrou na arbitragem por gostar do futebol e viu uma oportunidade de desenvolver um trabalho relacionado a sua profissão, que é na área da Ed. Física conforme quadro 1 mostrado anteriormente. Já o árbitro representado pela letra (B) diz que se tornou árbitro porque seu pai foi árbitro, já os árbitros (C,E) se tornaram árbitros por apenas gostar do futebol, entre as respostas destacou-se a do árbitro (D), onde o mesmo diz que gosta do esporte mas também gosta da parte financeira, ou seja, ele está na arbitragem por gostar do esporte e também pelo dinheiro. Talvez os outros árbitros tenham omitido alguma informação sobre a questão financeira vamos dar continuidade a análise dos dados e observar a próximas respostas.

Perguntou-se também para os árbitros, se as taxas de arbitragem é o único rendimento financeiro, ou se eles tem outras atividades remuneradas além da arbitragem⁴, solicitamos que conforme a resposta que justificassem a mesma. Podemos verificar a seguir que todos não dependem somente das taxas de arbitragem para se manter, todos têm outra atividade remunerada.

“A arbitragem hoje em minha vida é porque realmente gosto desta atividade, mesmo que isso represente um ganho financeiro” (A).

“Não” (B).

“Não, porque exerço outra profissão e a taxa de arbitragem do futebol amador não é o suficiente para se manter” (C).

“Não, sou professor de Ed. Física, pois não dá para se manter somente com a arbitragem” (D).

“Não, trabalho em outra função” (E).

De acordo com as respostas coletadas, constatou-se que todas as respostas eram parecidas, onde o árbitro (A) respondeu que a arbitragem hoje na vida dele é porque realmente gosta, mesmo que ela represente um ganho financeiro, já o (B) apenas respondeu que não e não justificou sua resposta, já (C) respondeu

⁴ Ver resposta Quadro 2, questão nº 4.

que a arbitragem também não é seu único rendimento financeiro e que exerce outra profissão e que a taxa de arbitragem no amador não é o suficiente para se manter, o árbitro (D) também respondeu que não e justificou que é professor de Ed. Física e não dá para se manter somente com a arbitragem, e o árbitro (E) também respondeu que não dá para se manter com as taxas e que tem outra função.

Perante as respostas podemos observar que os árbitros encaram essa atividade como um dinheiro extra que entra em seus orçamentos, pois os campeonatos não ocorrem durante o ano inteiro, tem suas datas de início e fim, talvez seja esse um dos principais motivos para os árbitros não exercerem somente essa atividade, acredito que eles tem um certo receio de acontecer algo e não dar conta de seus compromissos pessoais de família.

Foi perguntado também aos árbitros, quando se trata da questão financeira, vale apenas entrar na arbitragem? Justifique⁵. A partir dessa pergunta iremos observar se as respostas confirmam algumas perguntas anteriores, e se eles não se contradizem.

“No meu ponto de vista só haverá uma compensação se conseguir levar isso como profissão” (A).

“Sim, é muito vantajoso pelo tempo que é trabalhado” (B).

“Sim, pois este dinheiro ajuda bastante” (C).

“Sim, por ser nos finais de semana que quase ninguém trabalha, a arbitragem vem como um trabalho extra no pagamento das dívidas pessoais” (D).

“Vale, por que a questão financeira é boa, eu pago a prestação do meu carro” (E).

Após analisarmos as respostas podemos concluir que Montiel (1998, apud NUNES, 2002), estava certo quando disse que a motivação para o árbitro de futebol pode ser classificada como intrínsecas, representando o gosto e o prazer em arbitrar; ou extrínsecas, representando status, fama e principalmente o “dinheiro”.

Nestas respostas podemos ver que houve uma contradição de alguns árbitros quando responderam na questão de número 3 no quadro 2, que entraram na

⁵ Ver resposta Quadro 2, questão nº 5.

arbitragem porque gostavam do futebol, somente o árbitro (D) foi o que não omitiu quando disse que gosta do futebol e do financeiro.

Continuando a análise das respostas, percebemos que é de grande vantagem entrar na arbitragem se formos somente pensar no lado financeiro, já o árbitro (A) respondeu que só haverá compensação se conseguir levar isso como profissão, já o (B) diz que sim, é muito vantajoso pelo tempo trabalhado, ou seja, eles recebem no futebol amador em torno de 110 reais a 130 reais por 90 minutos trabalhado, dependendo da competição esses valores podem alterar, já o (C) disse que sim, pois esse dinheiro ajuda bastante, o (D) também respondeu que sim, vale apenas por que é uma atividade realizada nos fins de semana onde o mesmo não trabalha e então se dedica a arbitragem e que esse trabalho vem como um extra em seu orçamento para pagar as dívidas pessoais, e uma resposta que se destacou foi a do árbitro (E) onde diz que vale apenas, e que a questão financeira é boa, e que ele consegue pagar a prestação do seu carro todos os meses somente com o dinheiro da arbitragem.

Fica muito claro que essa renda financeira que vem da arbitragem já está incluída no orçamento de cada árbitro todos os meses, ficando evidente o gosto pelo esporte e também pelo financeiro unindo útil ao agradável, e que já não conseguem se desfazer da arbitragem pelo fato desse dinheiro estar incluído no seu orçamento, e se eles pararem de arbitrar o dinheiro irá fazer falta e talvez seja o motivo de eles estarem sendo obrigados a continuar dependendo dessa renda que vem das taxas da arbitragem.

Perguntou-se também aos árbitros se eles têm um sonho ou um objetivo dentro da arbitragem⁶.

“No início sonhei me tornar um árbitro profissional, mas são muita as dificuldades inclusive ter um bom padrinho, não basta ser um bom árbitro” (A).

“Não precisar mais dessa renda financeira” (B).

“Comecei tarde e exerço uma função em uma empresa que não liberava em horário de trabalho” (C).

“Ser um dos grandes CBF e FIFA, mais infelizmente a máfia não cai nunca” (D).

⁶ Ver resposta Quadro 2, questão nº 10.

“Apitar no campeonato catarinense da 1ª divisão” (E).

Analisando as respostas podemos constatar a revolta de alguns árbitros com determinados grupos de pessoas ou entidades envolvidas.

O primeiro árbitro (A) responde que no início de sua carreira sonhava em se tornar profissional, mas são muitas as dificuldades, ele argumenta que não basta ser um bom árbitro tem que ter um “PADRINHO”, ou seja, tem que haver um conhecido, talvez uma influencia política para você poder subir, enfim. O segundo árbitro (B) responde que, não precisar mais dessa renda financeira, observando essa resposta fica evidente que o árbitro (B) está na arbitragem somente pela questão financeira.

O terceiro árbitro (C) responde que iniciou na arbitragem tarde e que as empresa não liberava o mesmo durante o seu expediente para arbitrar. O árbitro (D) respondeu que sonhava em ser um dos grandes árbitros da CBF e da FIFA, mais que infelizmente a máfia não cai nunca, podemos ver que o mesmo nos mostra revoltado com algumas pessoas que fazem parte de determinadas entidades. Já o ultimo árbitro (E) respondeu que sonha em apitar no campeonato catarinense da 1ª divisão. Eu espero que ele consiga atingir o seu objetivo ou realizar seu sonho, e não ter a infelicidade como a dos outros árbitros que se dizem prejudicados durante a sua carreira por determinadas pessoas.

5.2 CATEGORIA B – AS DIFICULDADES ENCONTRADAS NA ARBITRAGEM.

É de extrema dificuldade conduzir uma partida de futebol no Brasil, pois muitos são os fatores que contribuem para tal, a muitos problemas que interferem a partida, principalmente na arbitragem, pode-se destacar a falta de estrutura da maioria dos campos de futebol, a falta de segurança, a conduta desonesta de alguns dirigentes, dos próprios patrocinadores, a falta de conhecimento da regras por atletas, técnicos, dirigentes e principalmente a do público e o próprio despreparo de alguns árbitros (BARROS, 1990).

A partir desse referencial teórico iremos analisar as respostas dos árbitros mediante a essa categoria.

Perguntou-se aos árbitros quais as dificuldades encontradas na arbitragem⁷. Obtivemos as seguintes respostas:

“Organização das equipes, falta de segurança, falta de conhecimento técnico das equipes, torcida mal intencionadas, falta de qualificação de alguns árbitros” (A).

“Apoio das entidades envolvidas” (B).

“Na maioria das vezes a falta do conhecimento das regras entre os jogadores e dirigentes e a falta de segurança” (C).

“Mídia, falta de segurança, falta de conhecimento das regras por parte dos dirigentes, atletas e torcedores” (D).

“No amador os locais dos jogos, o público não saber a regra de futebol” (E).

Analisando as respostas podemos concluir que (BARROS,1990), estava correto naquilo que falou anteriormente, que são muitas as dificuldades encontradas. Podemos ver que as respostas dos árbitros foram parecidas, todos falaram que a falta de segurança nos campos, que a maioria das pessoas seja elas jogadores, dirigentes e torcedores, desconhecem as regras do futebol, houve somente um árbitro que relatou que uma das dificuldades é o apoio das entidades envolvidas, ou seja, nessa respostas ele mostra mais um pouco de revolta, como já demonstrou na categoria anterior com determinados grupos ou entidades.

Já o arbitro (D) além de falar da segurança, da falta de conhecimento das regras, fala que também uma das dificuldades encontradas é a mídia. Barros (1990), foi feliz novamente em uma de suas citações, onde o mesmo diz que, as previsões para o mau andamento de uma partida de futebol começa uma semana antes de um clássico, isso tudo ocorre por influência da própria mídia onde a mesma começa a especular, os dirigentes querem coagir o próprio árbitro e várias pessoas começam a emitir suas opiniões sobre quem deve ou não apitar o clássico.

Continuando a análise dos dados, foi perguntado aos árbitros, o que eles sentem antes do início de uma partida e após o término da mesma⁸. E as respostas foram as seguintes:

⁷ Ver resposta Quadro 2, questão nº 8.

⁸ Ver resposta Quadro 2, questão nº 6.

“Todos os jogos você tem um compromisso, um pouco maior ou menor, mas a responsabilidade e ética devem estar presente e se espera no final um bom resultado” (A).

“Tranqüilidade” (B).

“A responsabilidade e honestidade e não prejudicar nenhuma das equipes, e no final o dever cumprido” (C).

“Depende do jogo e de como termina o mesmo. Se for uma partida profissional ansioso se for no amador nada” (D).

“Frio na barriga, e após contente pelo trabalho bem feito” (E).

Quanto as respostas podemos observar que o árbitro (A) respondeu que ele tem um compromisso mediante a situação a qual ele se encontra e que durante a partida em nenhum momento pode faltar com ética com os atletas e que deve ter responsabilidade para conduzir a partida e espera ter um bom resultado no final. Já o árbitro (B) respondeu somente que se sente tranqüilo antes da partida e após.

O árbitro (C) respondeu que se sente responsável e que deve ser honesto para não prejudicar nenhuma das equipes e no final sente a sensação de dever cumprido.

Com essa resposta podemos analisar com as palavras de um autor citado na fundamentação teórica que diz o seguinte: sobre a imagem que convém ao árbitro, quatro elementos que são considerados fundamentais, onde destaca a construção da sua imagem dada ao campo de jogo, que são elas: seriedade, honestidade, respeitosa autoridade e imparcialidade (MONTIEL, 1998 apud NUNES, SHIGUNOV, 2002).

Dando sequência o árbitro (D) respondeu que depende do jogo e de como ele termina, se for no amador não sente nada e se for um jogo no profissional se sente ansioso. O árbitro (E) respondeu que sente um frio na barriga antes do jogo e que após o jogo contente pelo trabalho bem feito.

Após essas respostas podemos afirmar que o autor Montiel (1998) foi mais uma vez feliz em um dos seus comentários dizendo o seguinte: o árbitro não tem que temer, pois o mesmo é conhecedor das regras do futebol, e só precisa cumprir o seu trabalho sem tentar inventar regras e táticas, na linguagem usual dos próprios árbitros, “quanto menos o árbitro aparecer durante o jogo, melhor será o jogo”.

5.3 CATEGORIA C – A VIOLÊNCIA NO FUTEBOL E A DISPONIBILIDADE EM OPTAR POR OUTRA PROFISSÃO.

Segundo alguns autores como Frisselli e Montovani, afirmam que a violência sempre teve presente no esporte, antes mesmo de ser chamado de futebol, eles descrevem que os participantes transferiam para o jogo seus problemas pessoais, causados principalmente por questões sociais típicas da época medieval, portanto a violência era muito grande e presente em todas as partidas.

Os autores ainda concluem que, além da violência o barulho e a desorganização eram muito intenso, tanto que o Rei acabou por decretar uma lei proibindo a prática do jogo, e condenando à prisão de quem estava praticando o esporte.

Além dos autores citados, um outro autor chamado Borsari (1989), relata que o jogo praticado na Roma Antiga era de pleno agrado dos soldados, isso porque as jogadas eram violentas e tinha o espírito de combatividade.

Podemos observar que a violência é presente até os dias de hoje, Daolio (2005), descreve que não é possível e nem dá para entender a relação entre espetáculo futebolístico e a violência fora de um contexto social e amplo. Isso tudo ocorre devido a grande massa de apreciadores desse esporte nos estádios em quase todos os países.

Para Daolio toda essa sensação é gerada pela própria mídia, gerando insistentemente matérias de manifestações violentas de uma forma que chega a ser sensacionalista.

Com todo esse embasamento teórico vamos as perguntas feitas aos árbitros mediante aos objetivos da categoria.

Perguntou-se aos árbitros, você já foi agredido fisicamente em uma partida de futebol, ou após a partida? Qual foi a sua reação? Justifique⁹. Obtiveram-se as seguintes respostas:

“Sim, no momento acho que a sensação é de revolta por estar fazendo um trabalho com comprometimento, mas não passou em pensamento parar, porque

⁹ Ver resposta Quadro 2, questão nº 7.

lidamos com vários tipos de pessoas e temos de ter condições de superar as dificuldades” (A).

“Sim, revidei pois não tive escolha, não havia policiamento ou algum tipo de segurança” (B).

“Sim, durante a partida, procuro sempre manter a calma e não julgar as pessoas pelos seus atos mas não pensei em desistir da arbitragem” (C).

“Sim, antes, durante e depois, minha reação foi fazer um relatório, boletim de ocorrência. Não pensei em parar, pois a remuneração vale apenas. Ainda mesmo apanhando o dinheiro vem depois” (D).

“Sim, foi de muita raiva, mas não parei de apitar” (E).

Analisando as respostas dos árbitros podemos observar que todos os árbitros entrevistados já foram agredidos fisicamente, então podemos concluir que a presença da violência no futebol amador é muito grande.

O que chamou mais a atenção nas respostas foi que a maioria dos árbitros não pensaram em nenhum momento em desistir da arbitragem, o que chamou mais a atenção ainda foi a resposta do árbitro (D) onde ele respondeu que já foi agredido antes, durante e depois da partida mais o que mais importa é a remuneração, e ainda conclui que, mesmo apanhando o dinheiro vem depois. Fica claro que esse árbitro está na arbitragem justamente pela questão financeira.

Podemos perceber que alguns árbitros tiveram que reagir colocando a sua própria vida em risco por que no local onde estava não tinha segurança.

Se formos analisar, os árbitros muitas das vezes são agredidos somente pelas equipes que perdem o jogo, nunca pela equipe que vence. Alguém tem que levar a culpa e detalhe nunca é um jogador que erra um passe, que perde um gol, que sofre um gol é sempre o árbitro.

Os árbitros não têm culpa se o time está passando por uma má fase ou se não consegue ganhar, mais sempre tem torcedores, dirigentes e até mesmo atletas que pensam o contrário. Pensam que o árbitro saiu da sua casa, que deixou sua família em casa, deixou de passear com a sua família e que foi lá só pra prejudicar a sua equipe, que saiu de casa já comprado e sem comentar as ofensas que sofrem antes, durante e após a partida.

Para concluir irei colocar aqui o que um árbitro escreveu na súmula após um jogo turbulento no estado de São Paulo segundo o autor (ALMEIDA, s/d, Apud SILVA et. al, 2002).

Pelo exposto, vê-se que, mesmo com o cavalheirismo e abnegação do presidente do Internacional, Sr. Benedito, se não fosse o Todo Poderoso descer lá das alturas e dar-nos uma ajudazinha, e o nosso Anjo da Guarda haver trabalhado sem descanso durante os 90 minutos de jogo, não sei se hoje os meus filhos não estariam lamentando o desaparecimento prematuro do pai deles.

Dando continuidade a análise dos dados, foi perguntado aos árbitros a seguinte pergunta, se hoje tivesse outra profissão disponível para ganhar o mesmo que ganha na arbitragem, você optava por qual profissão? Justifique¹⁰. Obteve-se as seguintes respostas:

“Por outra, devido ao nível de comprometimento e falta de estrutura” (A).

“Por outra, pois em um jogo de futebol tudo pode acontecer” (B).

“Arbitragem, apesar dos riscos dos xingamentos eu gosto do esporte e é uma forma de estar envolvido” (C).

“Por outra, por segurança e arriscar a vida na maioria dos jogos” (D).

“Por outra profissão, por motivo da responsabilidade de uma partida de futebol” (E).

Podemos observar que quatro (4) árbitros responderam que trocariam de profissão, devido a segurança nos locais, devido a responsabilidade e o comprometimento com a partida. O árbitro (B) respondeu que tudo pode acontecer em uma partida de futebol, o (D) respondeu que mudaria pelos motivos de estar arriscando a vida na maioria dos jogos.

O árbitro (C) foi o único que respondeu que preferia a arbitragem apesar dos riscos e dos xingamentos e que era um meio de ele estar envolvido com o esporte.

Diante dessas situações de violência encontradas na arbitragem, desses riscos que eles correm, por que eles não deixam a arbitragem? Continuo afirmando que a questão financeira continua sendo o principal motivo de estarem na função de

¹⁰ Ver resposta Quadro 2, questão n° 9.

árbitros, mas acredito que estão ali por que também gostam, do futebol. Apesar de colocarem a sua vida em risco, também perdem finais de semana, não saem família para passear, fica evidente que estes árbitros questionados, gostam do que fazem, mas também unem o útil ao agradável, tendo um orçamento garantido.

6 CONCLUSÃO

Damos início ao processo de conclusão desse trabalho onde faremos um resgate dos temas tratados em cada capítulo, com o propósito de extrair de cada momento a contribuição central para a articulação do tema e problema respondido.

No primeiro capítulo foi abordado o histórico do futebol, sua origem e evolução, falamos de como o futebol chegou às características atuais em meio a uma história de contextualização, da própria evolução do homem, na economia, cultura e sociedade.

Podemos concluir que o futebol teve origem em antigos jogos sem nenhum tipo de regras e que era praticado com muita violência, praticado muitos anos antes de Cristo. Com o passar do tempo o esporte evoluiu de uma tal maneira e passou a ser um esporte de elite, praticado apenas pelas classes sociais altas. Mas o esporte continuou crescendo e observou-se que era necessário que os melhores jogadores estivessem nas equipes, independente da sua posição social e financeira, assim dando oportunidade para todos praticarem.

Podemos também concluir que o futebol hoje no Brasil é considerado um dos esportes mais praticados, tornando-se uma cultura no país onde a grande maioria dos brasileiros pratica, seja elas crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosos. O futebol acabou tornando-se uma paixão na vida do brasileiro.

Com toda essa paixão, afirmamos que o esporte acaba se tornando violento, uma violência provocada por pessoas má intencionadas, onde acabam perdendo o controle emocional e acabam partindo pra agressões físicas, onde muitas vezes a violência acontece dentro de campo e fora dele, as vezes envolvendo atletas, dirigentes, árbitros, torcidas organizadas, entre outros.

Fica claro neste trabalho que a arbitragem de futebol não é uma profissão regulamentada pelo ministério do trabalho, tornando-se assim uma atividade autônoma, onde pessoas civis prestam serviço às entidades envolvidas, porque nem todos são formados. Quando tratamos da palavra trabalho concluímos que, no início quando surgiu o trabalho ele era encarado como um castigo ou como uma dor, era uma atividade humana, onde representa um esforço, um cansaço, uma pena e até mesmo um castigo. O trabalho nos dias atuais é encarado como manutenção, busca de status, realização de um projeto de vida e realização pessoal e familiar, foi o que a pesquisa demonstrou.

Relacionando as opiniões e construções bibliográficas dos autores em questão, fica claro que, sem o árbitro o espetáculo esportivo não pode acontecer. Com base nessa centralidade, reforça a importância do tema tratado e procuramos responder ao questionamento levantado como problema: qual o motivo que leva a pessoa a se tornar um árbitro de futebol?

Após analisarmos as respostas dos árbitros entrevistados, chegamos a conclusão que, são muitos os motivos.

Um dos motivos respondido pelos árbitros, é o gosto pelo esporte, onde desde criança já gostavam de jogar futebol, um deles afirmou que gosta do esporte e também do dinheiro que ganha na arbitragem.

Observamos que um dos árbitros entrou na arbitragem quando tinha apenas 12 anos, onde foi influenciado pelo seu pai que era arbitro, alguns foram influenciados por amigos e outros decidiram por si só entrar na arbitragem.

Quando tratamos da questão financeira, concluímos que vale apenas ser árbitro de futebol, foi o que afirmou a maioria dos entrevistados, eles conseguem ganhar uma boa renda, e que a mesma ajuda muito no seu orçamento pessoal, alguns relataram que conseguem pagar prestações do carro apenas com o dinheiro ganhado dentro da arbitragem. Podemos também concluir que todos os árbitros tem uma outra profissão e exercem outras funções, e afirmaram que não dá pra se manter somente com o dinheiro da arbitragem.

Dando continuidade a conclusão, após questionarmos sobre a formação escolar dos colaboradores, podemos concluir que, pra se tornar um árbitro de futebol amador não é necessário ter o ensino superior, basta apenas realizar algum curso relacionado a arbitragem de futebol, ter um bom condicionamento físico, ter controle emocional, ter conhecimentos técnicos, capacidade visual e auditiva, enfim.

Após analisarmos os dados, concluímos também que os árbitros encontram muitas dificuldades para conduzir uma partida de futebol. Eles afirmaram que a maioria das pessoas gostam do futebol, mas muitas desconhecem as regras do esporte, onde as pessoas os julgam por determinados fatos ocorridos no decorrer da partida sem ao menos conhecer as regras, onde muitas vezes acabam partindo pra violência, outras dificuldades encontradas são os locais onde as partidas ocorrem, a segurança, torcidas má intencionadas, a mídia o apoio das entidades envolvidas a falta de qualificação de alguns árbitros por não possuírem uma escolaridade adequada.

Concluimos também que, quatro árbitros optaram por trocar de profissão, se tivesse outra profissão disponível pra ganhar o mesmo que eles ganham na arbitragem, e justificaram que mudariam de atividade pela violência que ocorre no futebol amador, e declararam que, em uma partida de futebol tudo pode acontecer, falta de segurança, arriscando a vida na maioria dos jogos vivenciados.

Todos os árbitros que participaram desse estudo afirmaram que já foram agredidos fisicamente e nenhum pensou em parar de arbitrar.

Para finalizar este estudo, concluimos que, mesmo com a violência presente, eles não pesam em parar de arbitrar nos jogos, por que realmente gostam do esporte e também pela questão financeira, onde esse dinheiro já faz parte do orçamento pessoal da vida de cada um, ou seja, unindo então o útil ao agradável.

Esta pesquisa não se esgota com este conhecimento, pretende-se dar continuidade em outra oportunidade, buscando uma realidade junto aos grandes árbitros que fazem parte da CBF e FIFA.

REFERÊNCIAS

AFIF, Antonio, **Futebol 100% Profissional**. 1.ed. São Paulo: Editora Gente, 1997.

ALBORNOZ, Suzana. **O que é trabalho**. Coleção Primeiros Passos. Editora Brasiliense. São Paulo, 2002.

BORSARI, José Roberto, **Futebol de campo**. São Paulo SP 1989, p.11, p.12.

CABRAL, Cide Pinheiro, **História Do Mundial De Futebol**. 1.ed. São Leopoldo: Editora Serra Ltda, 1978.

DAGOSTIM, Arthur Diego Casagrande. **Dispêndio energético e aptidão física de árbitros de futebol da região de criciúma**. Criciúma – SC, 2009.

DAOLIO, Jocimar. **Futebol, cultura e sociedade**. Editora autores associados. Campinas, São Paulo, 2005.

DUARTE, Orlando. **Todos os esportes do mundo**. São Paulo: Makron Books, 1996.

DIMANDE, Armindo Laissane. **Os conceitos de trabalho, profissão e ocupação**. 2010. Disponível em: <[Http://pt.scribd.com/doc/37782989/OS-CONCEITOS-DETRABALHO-PROFISSAO-E-OCUPACAO](http://pt.scribd.com/doc/37782989/OS-CONCEITOS-DETRABALHO-PROFISSAO-E-OCUPACAO)>. Acesso em: 23 de agosto de 2011.

FERRARI, Irany; NASCIMENTO, Amauri Mascaro; MARTINS FILHO, Ives Gandra da Silva. **História do Trabalho, do Direito do Trabalho e da Justiça do Trabalho**. São Paulo: LTr, 1998.

FRISSELLI, Ariobaldo; MANTOVANI, Marcelo, **Futebol Teoria e prática**. 1.ed. São Paulo: Editora Phorte, 1999.

GOMES, Cristianne Luce. **Dicionário crítico do lazer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

INTERNATIONAL FOOTBALL ASSOCIATION BOARD. **Regras do jogo 2007-2008**. Tradução de: Confederação Brasileira de Futebol – CBF. Rio de Janeiro: Barbieri Ltda, 2007, 112 p.

JUNIOR, Joaquim Martins. **Como escrever trabalhos de conclusão de curso:** instruções para planejar e montar, desenvolver, concluir, redigir e apresentar trabalhos monográficos e artigos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica.** 4 ed. rev. e ampl. São Paulo: Ed. Atlas, 2001 p .223.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli Eliza D. A. **Pesquisa em educação:** abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MARTINEELLO, Eloísa T. **Arbitragem de futebol:** para além do apito. Criciúma – SC, 2007

MINAYO, M.C. de S. (Org.) **Pesquisa social:** teoria, método e criatividade. 22 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

MURAD, Mauricio, **dos Pés a Cabeça.** 1.ed. Rio De Janeiro: Editora Irradiação Cultural, 1996.

NUNES, Renildo. SHIGUNOV, Viktor. **Auto-estima do árbitro de futebol profissional do estado de Santa Catarina.** Florianópolis – SC, 2002, p.74.

MOLINA, N. Vicente; TRIVIÑOS. **A pesquisa qualitativa na Educação Física: Alternativas Metodológicas.** 2 edição, Porto Alegre, 2004.

MUSEO DOS ESPORTES: **O Árbitro e as mudanças nas regras do futebol.** Disponível em: < <http://www.museodosesportes.com.br/noticia.php?id=1980>> Acesso: 25 de outubro de 2011

REIS, Heloisa Helena Baldy dos. “Lazer e esporte; a espetacularização do futebol”. In: BRUNHS, H. T. **Temas sobre lazer.** Campinas, Autores Associados, 2000. P.130-143.

SILVA, Inácio Alberto da, **Aptidão física do árbitro de futebol aplicando-se a nova bateria de testes da FIFA.** Maringá, PR 2005.

SILVA, Alberto I. AÑEZ, Ciro R.R. FRÓMETA, Edgardo R. **O árbitro de futebol – uma abordagem histórico-crítica.** Colombo, PR 2002, 41 p.

SAMULSKI, Dietmar. **Psicologia do esporte.** São Paulo: Manole Ltda, 2002.

SALOMON, Delcio Vieira, **Como Fazer Uma Monografia**, São Paulo: Martins Fontes, 1999.

WOLECK, Aimoré. **O trabalho, a ocupação e o emprego: uma perspectiva histórica**. Disponível em: <www.icpg.com.br/artigos/rev01-05.pdf.> Acesso em: 15 de setembro de 2011.

APÊNDICE

APÊNDICE A – Quadro 2 – Dados Referentes Aos Árbitros Questionados

Fonte: ALVES (2011)

<p>1) Qual era a sua idade quando iniciou na arbitragem?</p> <ul style="list-style-type: none"> • A: 23 anos • B: 12 anos • C: 25 anos • D: 16 anos • E: 26 anos
<p>2) Foi uma decisão sua entrar na arbitragem, ou foi convidado por alguém?</p> <ul style="list-style-type: none"> • A, D: Decisão minha • B: Fui convidado pelo meu pai • C, E: Convidado por amigos
<p>3) Qual o motivo que levou você a se tornar um árbitro?</p> <ul style="list-style-type: none"> • A: por gostar do esporte e a oportunidade de desenvolver um trabalho relacionado a minha profissão. • B: Meu pai era árbitro • C, E: Gostava de futebol • D: Gosto pelo esporte e financeiro
<p>4) As taxas de arbitragem é seu único rendimento financeiro, ou tem outras atividades remuneradas além da arbitragem? Justifique.</p> <ul style="list-style-type: none"> • A: A arbitragem hoje em minha vida é porque realmente gosto desta atividade, mesmo que isso represente um ganho financeiro. • B: Não • C: Não, porque exerço outra profissão e a taxa de arbitragem do futebol amador não é o suficiente para se manter. • D: Não, sou professor de Ed. Física, pois não dá para se manter somente com a arbitragem. • E: Não, trabalho em outra função
<p>5) Quando se trata da questão financeira, vale apenas entrar na arbitragem? Justifique.</p> <ul style="list-style-type: none"> • A: No meu ponto de vista só haverá uma compensação se conseguir levar isso como profissão. • B: Sim, é muito vantajoso pelo tempo que é trabalhado. • C: Sim, pois este dinheiro ajuda bastante. • D: Sim, por ser nos finais de semana que quase ninguém trabalha, a arbitragem vem como um trabalho extra no pagamento das dívidas pessoais. • E: Vale, por que a questão financeira é boa, eu pago a prestação do meu carro
<p>6) O que você sente antes do início de uma partida e após o término da mesma?</p> <ul style="list-style-type: none"> • A: Todos os jogos você tem um compromisso, um pouco maior ou menor, mas a responsabilidade e ética devem estar presente e se espera no final um bom resultado. • B: Tranquilidade • C: A responsabilidade e honestidade e não prejudicar nenhuma das equipes, e no final o dever cumprido. • D: Depende do jogo e de como termina o mesmo. Se for uma partida profissional

ansioso se for no amador nada.

- E: Frio na barriga, e após contente pelo trabalho bem feito.

7) Você já foi agredido fisicamente em uma partida de futebol, ou após a partida? Qual foi sua reação? Justifique.

- A: Sim, no momento acho que a sensação é de revolta por estar fazendo um trabalho com comprometimento, mas não passou em pensamento parar, porque lidamos com vários tipos de pessoas e temos de ter condições de superar as dificuldades.
- B: Sim, revidei pois não tive escolha, não havia policiamento ou algum tipo de segurança.
- C: Sim, durante a partida, procuro sempre manter a calma e não julgar as pessoas pelos seus atos mas não pensei em desistir da arbitragem.
- D: Sim, antes, durante e depois, minha reação foi fazer um relatório, boletim de ocorrência. Não pensei em parar, pois a remuneração vale apenas. Ainda mesmo apanhando o dinheiro vem depois.
- E: Sim, foi de muita raiva, mas não parei de apitar.

8) Quais as dificuldades encontradas na arbitragem?

- A: Organização das equipes, falta de segurança, falta de conhecimento técnico das equipes, torcida mal intencionadas, falta de qualificação de alguns árbitros.
- B: Apoio das entidades envolvidas.
- C: Na maioria das vezes a falta do conhecimento das regras entre os jogadores e dirigentes e a falta de segurança.
- D: Mídia, falta de segurança, falta de conhecimento das regras por parte dos dirigentes, atletas e torcedores.
- E: No amador os locais dos jogos, o público não saber a regra de futebol.

9) Se hoje tivesse outra profissão disponível para ganhar o mesmo que ganha na arbitragem, você optava por qual profissão? Justifique.

- A: Por outra, devido ao nível de comprometimento e falta de estrutura.
- B: Por outra, pois em um jogo de futebol tudo pode acontecer.
- C: Arbitragem, apesar dos riscos dos xingamentos eu gosto do esporte e é uma forma de estar envolvido.
- D: Por outra, por segurança e arriscar a vida na maioria dos jogos.
- E: Por outra profissão, por motivo da responsabilidade de uma partida de futebol.

10) Qual o seu sonho ou objetivo dentro da arbitragem?

- A: No início sonhei me tornar um árbitro profissional, mas são muita as dificuldades inclusive ter um bom padrinho, não basta ser um bom árbitro.
- B: Não precisar mais dessa renda financeira.
- C: Comecei tarde e exerço uma função em uma empresa que não liberava em horário de trabalho.
- D: Ser um dos grandes CBF e FIFA, mais infelizmente a máfia não cai nunca.
- E: Apitar no campeonato catarinense da 1ª divisão.

ANEXO



UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC
UNIDADE ACADÊMICA DE HUMANIDADES CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO – UNA HCE
CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA

CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TEMA: A escolha de ser árbitro de futebol.

OBJETIVO: Investigar o que leva as pessoas a se tornarem árbitros nos jogos de futebol.

Por favor, leiam atentamente as instruções abaixo antes de decidir se deseja participar do estudo.

O projeto Tema: **“A escolha de ser árbitro de futebol”** deseja **investigar o que leva as pessoas a se tornarem árbitros nos jogos de futebol.**

Justifica-se este projeto pela necessidade de novas evidências científicas para formação de professores.

1. Será realizada uma entrevista aplicando um questionário com os pesquisados, sendo os pesquisadores o orientador e o orientando.
2. Participarão do estudo apenas os voluntários selecionados que devolverem o termo de consentimento informado, autorizando a sua participação no estudo de forma voluntária.
3. Se houver alguma dúvida a respeito, favor contatar com o professor coordenador da pesquisa professor (a) Elisa Stradiotto pelo telefone ((48) 96088584), ou pelo endereço eletrônico elistradiotto@engeplus.com.br ou com o orientando (a) Maicon Lemos Alves pelo telefone ((48) 96488740), ou pelo endereço eletrônico maiconllemos@hotmail.com.
4. O participante terá liberdade de encerrar a sua participação a qualquer momento no projeto, ficando apenas com o compromisso de comunicar um o responsável pelo projeto de sua desistência, para que a pesquisa não seja prejudicada.
5. Caso concorde em participar desta pesquisa realizando as avaliações e o período de treinamento proposto pelo estudo, assine e entregue ao responsável este termo de consentimento. Este consentimento será arquivado juntamente com as demais avaliações.

Antecipadamente agradecemos a colaboração.

Professor (a): Elisa Stradiotto
 Coordenador da pesquisa

Orientando (a): Maicon Lemos Alves
 Responsáveis pelo desenvolvimento da pesquisa

Eu, _____ declaro-me ciente das informações sobre o estudo **“A escolha de ser árbitro de futebol”** e concordo em participar como voluntário.

 Assinatura do pesquisado (a)

Data: ____/____/____